

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

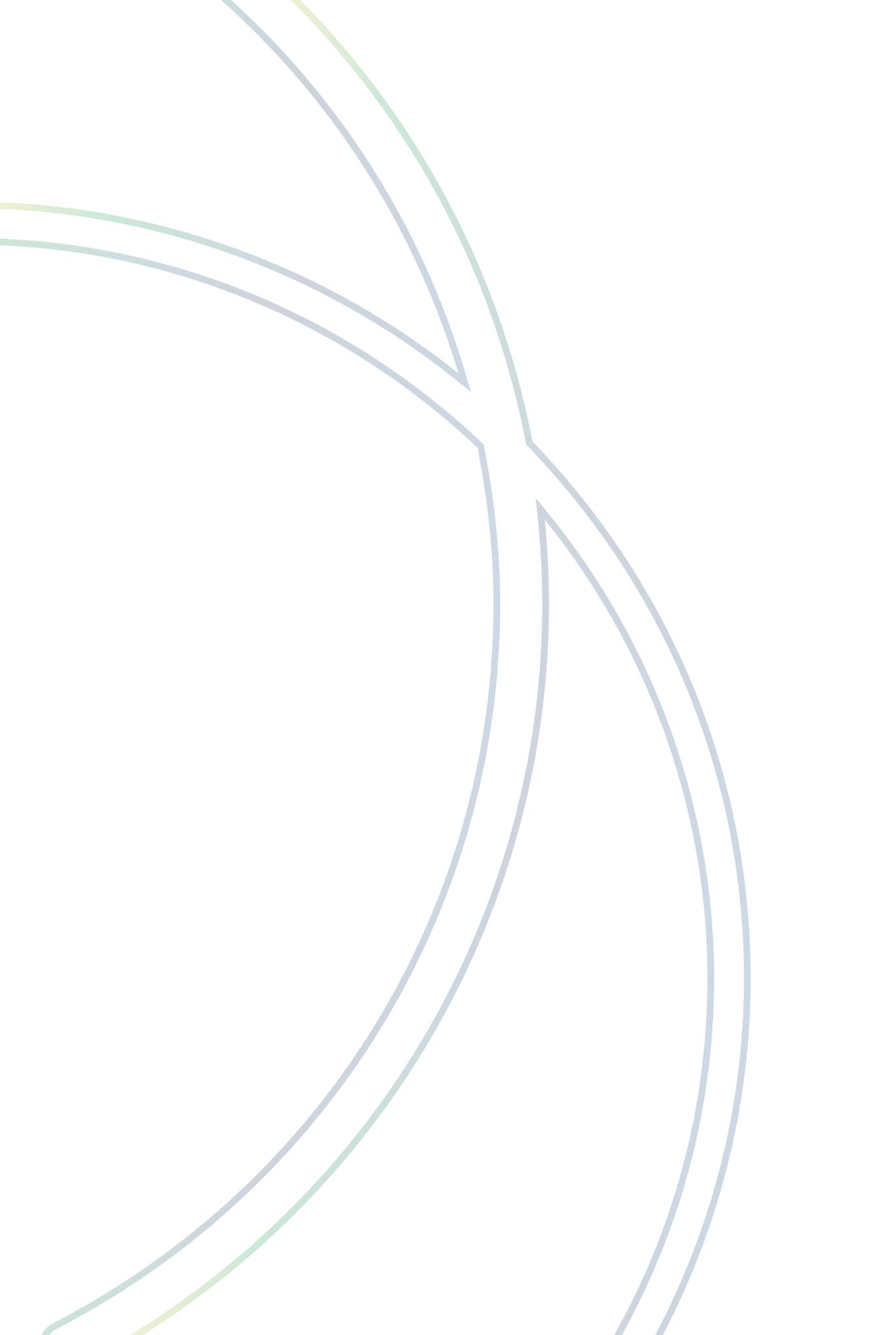
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
subjetivações e cultura / (organizadores)
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2024.
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

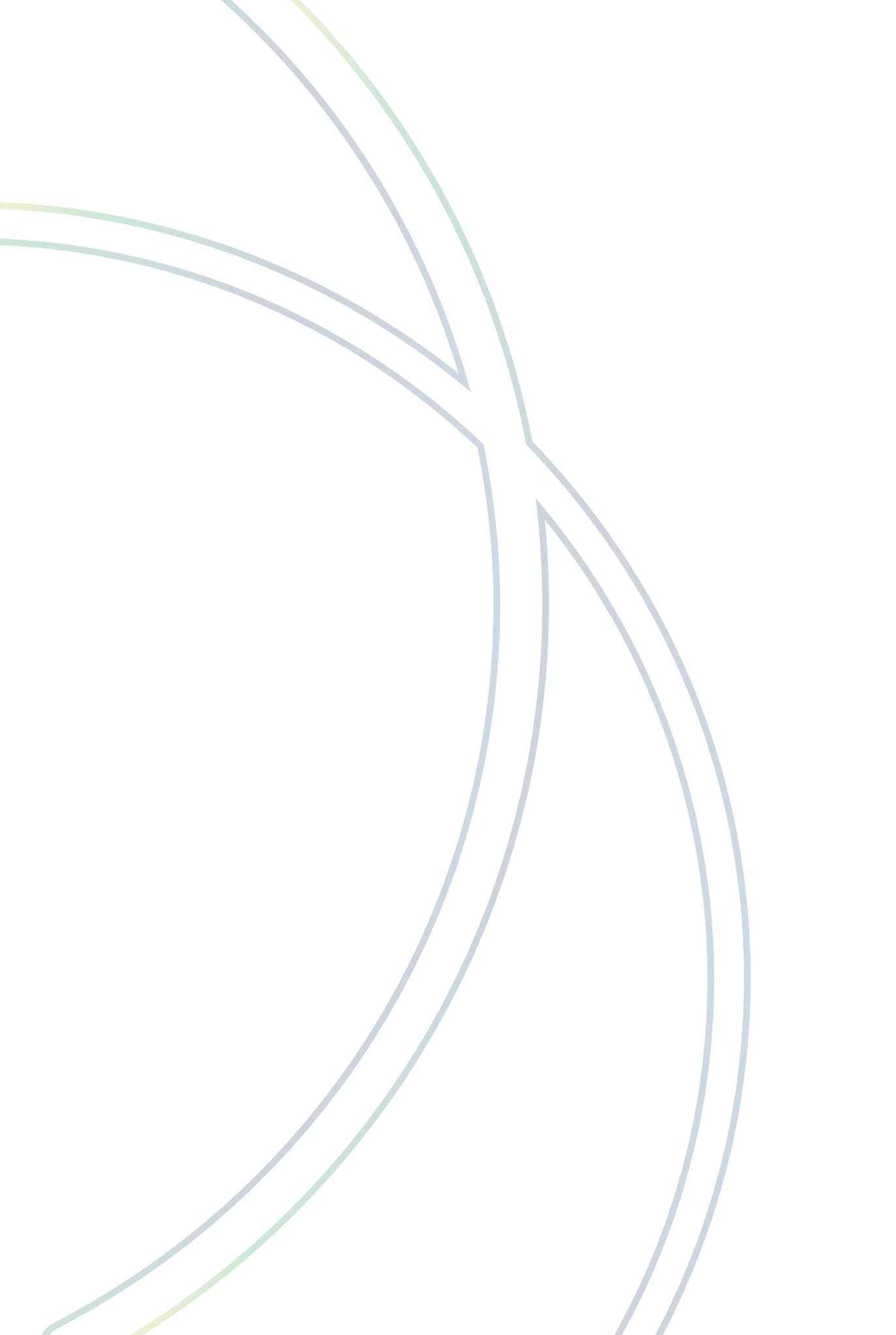
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

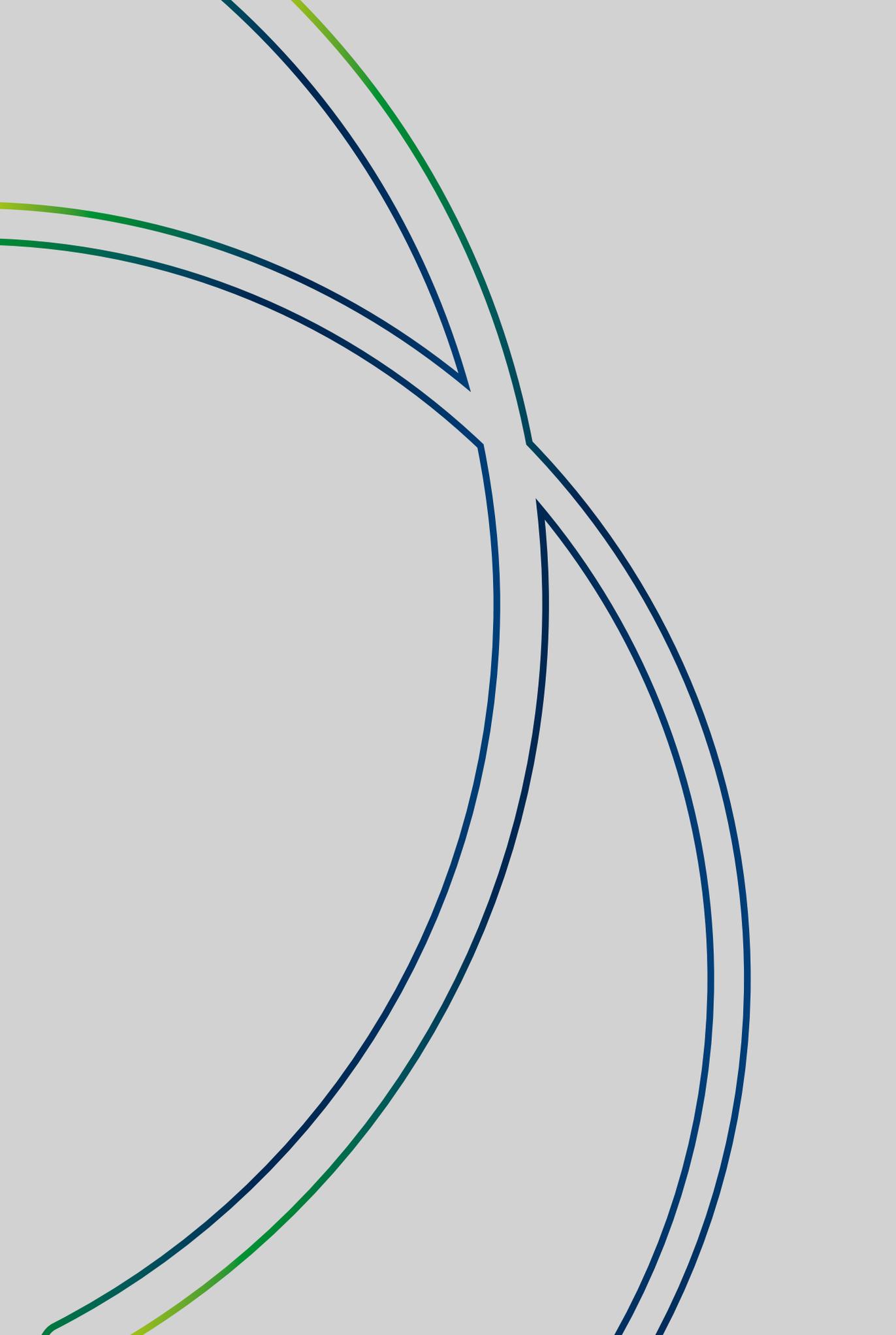
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

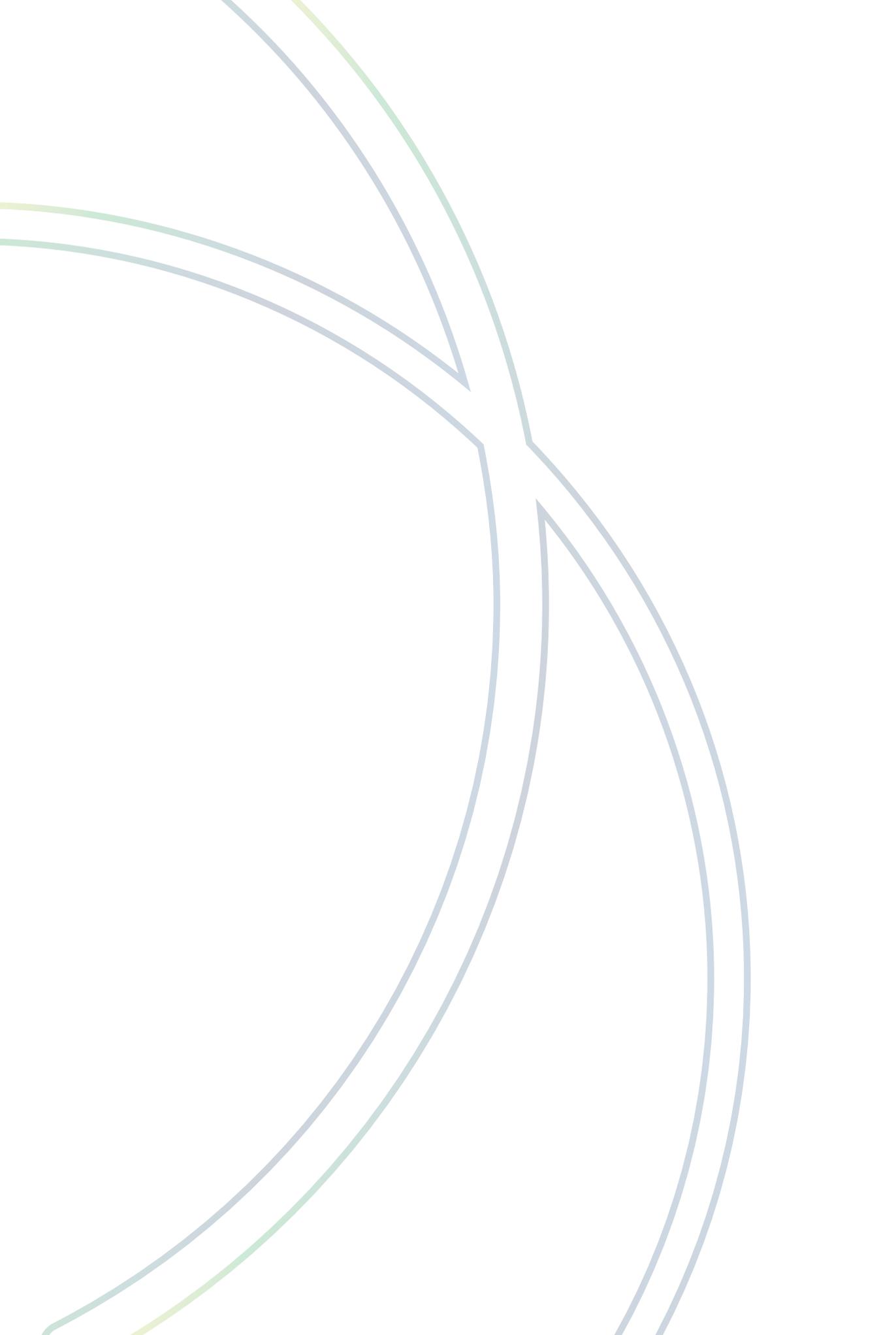
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise e parentalidade

Parte I



Parentalidade contemporânea

A história das famílias e do “faça você mesmo” na clínica psicanalítica

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

O presente texto desenvolve os conceitos de *família* ao traçar, rapidamente, um panorama histórico de suas modificações sociais, as quais refletiram em sua formação. Para tanto, foram abordadas três noções fundamentais para sua constituição (a família tradicional, a família moderna e a família contemporânea) e foi costurada a concepção de parentalidade à contemporaneidade e à clínica psicanalítica para refletir sobre os sintomas e a clínica da atualidade. Por fim, levantou-se a questão: qual é o lugar da clínica psicanalítica na tentativa de aplacar o sofrimento?

A parentalidade na sociedade contemporânea

Pensar sobre a parentalidade na sociedade contemporânea implica andar ao lado de outras áreas do saber, tais como antropologia, filosofia e sociologia. De acordo com Zornig (2010), o termo “parentalidade” começou a ser utilizado na França há cerca de 70 anos na literatura psicanalítica, a fim de abordar o processo de construção dos cuidados dos pais com seus filhos e de dimensionar as relações inerentes ao parentesco, se debruçando, especialmente, sobre os processos psíquicos e as mudanças subjetivas que o desejo de ter um filho implica.

Neste estudo, nos interessamos, particularmente, pelas contribuições no campo da psicologia aprofundados pela Psicanálise e buscamos destacar aspectos do tema sob diferentes pontos para de compreender o mundo em que vivemos, com recortes distintos e diante dos arranjos mais inusitados acerca do que é ser família. Com efeito, a parentalidade na contemporaneidade nos encaminha para a discussão do conceito de família, mas ainda que tenha sido exaustivamente atualizada, esta discussão continua relevante, pois permanece o desejo dos indivíduos em se manter em grupo, educar, construir laços amorosos e transmitir valores. Logo, para abordar a ideia de família, procuramos conceituá-la

com as sucessivas transformações que surgiram no decorrer do tempo, bem como os seus impactos, impulsionadas pelas questões contemporâneas, tais como a individualidade, a performance e o porvir.

A Psicanálise justifica o estudo da parentalidade para fazer um corte nas normativas vigentes das práticas dogmáticas. Como pontua Teperman, Garrafa e Iaconelli (2020), discutir a parentalidade a partir de suas estruturas mercantis e obscuras permite que trate os elementos imaginários de cada época para mitigar o mal-estar na civilização e entender a constituição do sujeito um-a-um na família. Dito isso, a parentalidade contemporânea não é apenas uma forma de ensinar a homens e mulheres o saber-fazer sobre o que é ser pai/mãe, tampouco a relação mulher/mãe, conforme nos sugere Iaconelli, resgatando a fala de Elizabeth Bandinter no célebre *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985). Bandinter traz que

o amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal (Bandinter, 1985, p. 20 *apud* Teperman; Garrafa; Iaconelli, 2020).

Para a maternidade, havia um pressuposto de formação que lentamente foi sendo desmanchado, ou pelo menos trazido para as rodas de discussão. Aos pais, Bandinter (1980) ressalta que coube, desde o princípio e de acordo com referências bíblicas, “justificar a autoridade paterna repetindo que o Pai era responsável perante Deus pelos seus filhos”. Na perspectiva da Psicanálise, a parentalidade pode ser escutada a partir de um fenômeno sem garantias e predição, mas dando ouvidos à subjetividade particular e contemporânea do sujeito do inconsciente, possibilitando a discussão sobre o declínio da função paterna e o desempenho das funções parentais.

A sociedade do “faça você mesmo”

Vivemos em meio à explosão de receitas de “como se deve fazer”, receitas estas presentes nas redes sociais,, nos livros de autoajuda, nos contextos escolares e de trabalho, com a promessa de um único caminho a seguir no exercício da vida, e no campo da parentalidade isso não é diferente. Há um saber-fazer apoiado na competência de especialistas que ensinam “faça você mesmo”.

Bauman (2008) defende que nosso estilo de vida contemporâneo está reconhecido por uma estratégia existencial consumista, que leva as pessoas a se tornarem uma mercadoria – no caso das famílias, sujeitas ao saber desses especialistas que ensinam como criar filhos

felizes –, de modo que a produção do discurso é tão atraente, positivista e culposa, pois se ninguém consegue ser feliz, passa a ser atribuída uma dose de culpa ou incompetência.

Com relação ao “faça você mesmo” (DIY), encontramos uma tendência vinda do empreendedorismo, primeiro como uma forma contrária ao consumismo desenfreado e, atualmente, como uma responsabilização individual de dar conta da própria vida a partir de soluções homogêneas. Guerra e Straw (2017) discutem que o acrônimo seja um *ethos* posto através do movimento *punk*, que tratava da autonomia e independência do indivíduo das esferas do Estado ou do mercado. Conceito que agora, em larga escala, impõe *modos de viver* e *ter que fazer* para consumir, para agregar, para fazer parte, com a promessa da felicidade possível a todos.

Por outro lado, o filósofo francês Gilles Lipovetsky aborda, há mais de 20 anos, a questão do consumo de massas como algo que coopta os sujeitos e que faz a ligação de tudo na sociedade contemporânea. Fontenelle (2008) apresenta as ideias dele para teorizar sobre o individualismo, a alienação, a liberdade, a felicidade, as condições sociais, a história das sociedades ocidentais e a distração, diante de um consumo desenfreado que gera um hiperconsumo caracterizado pela ampliação do ato de consumir que chega “aos espaços até então considerados não mercantilizáveis, tais como a família, a escola e a ética”. Estamos falando sobre a perda das referências institucionais para dar lugar ao novo consumo do inconsciente. Ou seja, impera a satisfação egóica, que possibilita comprar o subjetivo, o emocional ou o experiencial, e gera a troca do ideal pela autoajuda. Numa busca de renúncia alguma. Fontenelle, citando Lipovetski, descreve que

nessa pretensa autonomia, há uma dependência do consumidor com relação à dimensão imaginária das marcas, devido ao poder que essas teriam em direcionar as escolhas dos nossos objetos de consumo. As marcas assumem o lugar de uma “autoridade” sobre a desorientação e as dúvidas com relação a que escolhas fazer em um tipo de sociedade na qual os estilos de vida e os medos de perigos reais se multiplicam, tais como os riscos de uma hecatombe ambiental, as formas de violência urbana, dentre outros. [...] o hiperconsumidor que adquire a autonomia e a responsabilidade pelos seus atos de consumo, também deve se haver com a impotência sobre o controle do próprio corpo ou do meio em que vive, prova da multiplicação de marcas e especialistas em nos dizer como devemos conduzir melhor nossas mais íntimas escolhas (Fontenelle, 2008).

Constatamos que a família ganhou novas configurações, valores sociais, perdeu o poder, se ampliou, saiu do ambiente privado e participa do público mais do que nunca. Para Cortês *et al.* (2022), a família não é mais uma estrutura estática, e sim uma estrutura complexa e dinâmica, composta por sujeitos que sofrem os efeitos biopsicossociais da cultura, das formas de vinculação, do contexto ao longo da história e da forma de economia vigente naquele determinado espaço ocupado. As famílias são influenciadas pela construção de narrativas no decorrer dos estudos sobre a sua própria evolução. O percurso evolutivo desde os estudos da família primitiva até a contemporaneidade tem mostrado que, ao longo do tempo, regras se constroem em torno da sociedade e parecem ser a única possibilidade para cada período.

A história da família

Roudinesco (2003) nos conta que, na história recente da família, podemos distinguir três momentos ou três recortes influenciados politicamente pelos contextos ocupados a partir da classe social e, claro, pelo tipo de poder em vigor. A primeira família é a tradicional, patriarcal, sob o poder do pai que sustenta, ele é o centro e determina o papel de cada membro. Todos devem obediência ao homem, gravitam ao seu redor e estão confinados à casa. O pressuposto nessa organização é demarcado por um interesse social na manutenção do patrimônio, dos interesses financeiros e do controle.

Nesses estudos, observa-se que haveria um “como se”, ou seja, um poder divino que teria sido transmitido para os pais e maridos, restando para mulheres e crianças apenas o amor e afetos a serem desenvolvidos entre si, todos rebaixados a um segundo plano. Foucault (2012 [1979]) relembra que por muitos séculos no sistema patriarcal a família era reinada por esse pai como um deus superpoderoso, mas através das reivindicações das mulheres essa configuração começa a mudar. Essas mudanças se estendem ao espaço social, refletindo na sua constituição e no espaço subjetivo, onde a criança começa a ocupar um lugar na tríade, deslocando-se para um modelo de família burguesa e construindo a infância moderna.

Na segunda forma de organização, vamos compreender a família moderna, segundo Roudinesco (2003), ou nuclear, em meados do século XVIII. Esse modelo valoriza o amor romântico que tem como objetivo a educação dos filhos e a restituição da mulher por meio da maternidade – não na redenção, mas como um anjo auxiliador do marido. A família é a base da sociedade, o pai é o patriarca voltado para a economia. Destituído de seu posto divino, o pai passa ao empreendimento privado industrial, com poderes reivindicados e com uma promessa de igualdade na tangente entre direitos. As mulheres buscam seu espaço, influenciadas pelos movimentos feministas, tensionando a liberdade sexual, a escolha pela maternidade, o desejo e o prazer. Entretanto, é na associação de maternidade e feminilidade que se abre um intervalo para o espaço público e privado. A criança começa a ser uma figura visível que pode atrair investimentos. Esse poder, recém adquirido pelas mulheres, torna-se essencialmente doméstico, pois ela será a responsável nos assuntos ligados à família, escola e saúde, já que a qualidade da prole depende da gestão dela.

O casamento também se modifica. Aquele matrimônio arranjado pela família agora resulta do amor. A invenção do amor materno, conforme Badinter (1985), é um comportamento social inspirado pela época e pelos costumes, tem um fim de conduzir a próxima geração, pois ela representa o futuro. Mas se as relações estão mais voltadas para o amor, também é levada em consideração, por outro lado, a falta dele. Explodem o número de divórcios e os questionamentos sobre a instituição do matrimônio são abalados no quesito simbólico (Roudinesco, 2003).

Ainda para essa autora, na terceira família temos uma proposta contemporânea ou pós-moderna que valoriza a vida privada, é complexa com relação à figura de autoridade, possui uma transmissão marcada por rupturas nas relações conjugais e o pai não é mais

o sujeito heroico. Gêneros masculinos e femininos reconfiguram-se em posturas mais fluidas, mães vão ao trabalho, mas os pais não voltam para casa. A educação é terceirizada de acordo com as condições financeiras das famílias, algumas pagas, outras negociadas, quem pode mais preenche a agenda das crianças com atividades lúdicas, esportivas, educacionais, artísticas em busca da performance esperada para o futuro, quem pode menos se cerca de “ajudantes” na invenção/manutenção financeira, que possam olhar seus filhos no contraturno da escola ou da creche sem onerar o custo mensal.

Côrtes, Albuquerque e Bucher-Maluschke (2022), apoiadas por diversos autores, afirmam que a demanda pela igualdade dos papéis entre os pais, as posições, as relações e as estruturas obedecem a um reordenamento do contexto familiar, embora isso não ocorra em todas as famílias, pois as classes sociais menos favorecidas não são abrangidas nesse contexto em que algumas configurações se mantêm cristalizadas. Ou seja, na contemporaneidade, não é mais possível enquadrar a família em concepções preestabelecidas. As organizações familiares não seguem um único paradigma social, aquele antes familiar, ou nuclear, mudou bastante com a passagem das décadas e das mudanças na sociedade. Ainda que encontremos nichos de famílias alinhadas às culturas tradicionais, cada vez mais percebemos modelos vanguardistas e progressistas. Nesse sentido, a evolução dos agrupamentos familiares

baseada na família monogâmica, constituída por homem-mulher através do casamento ou união estável, que convivem em um mesmo domicílio, com integrantes ligados por laços de consanguinidade e parentesco vem passando por evoluções e diferenciações, nem sempre lineares ou contínuas ao longo dos últimos século (Côrtes; Albuquerque; Bucher-Maluschke, 2022, p. 7).

Entretanto, é possível afirmar que independente da apresentação familiar que nos chegue, algo de comum é preservado: os vínculos importantes estabelecidos e as funções, como: a satisfação amorosa e sexual, o papel de educar os filhos, a proteção, a socialização e a transmissão dos ideais.

Independente da configuração de família, nunca houve um consenso de normalidade apenas pelo agrupamento de pessoas, mas sempre uma fantasia de família ideal como objetivo de felicidade e ausência de conflitos. Geisa Felippi e Luciara Itaquí (2015) afirmam que não é a presença do par homem/mulher que sustenta a subjetividade sadia, pois os vínculos e os símbolos variam em cada cultura, nem mesmo a proximidade genealógica ou a consanguinidade que determinam a qualidade dos vínculos, e sim o lugar que o filho ocupa no imaginário e desejo de quem o acolhe.

Novamente, Badinter, há quase 40 anos, já tratava com propriedade a acolhida de um filho, observemos suas palavras:

estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama etc.) pode “maternar” uma criança. Segundo, não é só

o amor que leva a mulher a cumprir seus “deveres maternos”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. É certo que a antiga divisão sexual do trabalho pesou muito na atribuição das funções da “maternagem” à mulher, e que, até ontem, esta se afigurava o mais puro produto da natureza (Badinter, 1985, p. 17).

Se, conforme Zornig (2010), a atualidade é definida profundamente pela decadência dos referenciais simbólicos estáveis e pela multiplicação tanto das normas como das possibilidades de subjetivação, até mesmo a noção de pai, mãe – família – passa a pender mais da historicização de cada um e do desejo de cada sujeito dentro da própria família do que dos modelos pré-estabelecidos no passado.

A Psicanálise contemporânea

Com a Psicanálise, passamos a analisar sujeitos, trajetórias, culturas, sociedades, mas principalmente a pensar nas histórias de cada um desses elementos e entender quais conflitos advêm dessas conjunções. Ao longo do tempo, fomos identificando cada época e o que nos brinda. Entender essa delimitação de tempo e espaço é significativa para a teorização, especialmente para a clínica que está inserida nesse contexto.

A obliquidade do nosso tempo surgiu com a modernidade, assim como a condenação do presente, essa falta de compromisso com as origens que começava a figurar nos escritos de Freud como promessas de inverter a importância entre os tempos e colocar o futuro como lugar da felicidade. Ainda nesse sentido, Lipovetsky (2004) ressalta que houve uma ruptura no pensamento hegemônico da história da humanidade, que se opôs ao temor pela decadência e passou a exaltar as conquistas das ciências, acenando para um progresso que pudesse estabelecer a paz, a justiça e a equidade para todos. Entretanto,

a autonomia prometida pelas Luzes teve por consequência última uma alienação total do mundo humano submetido ao peso terrível das duas calamidades da modernidade que são a técnica e o liberalismo de mercado (Lipovetsky, 2004, p. 18).

Esse pensamento vigente, que influenciou a Psicanálise com corpos disciplinados e controles pulsionais num sentido de otimizar as faculdades produtivas, se viu com os dias contados na emergência de uma adaptação ao novo termo da Pós-modernidade.

Este sujeito, de que trata a Psicanálise, está compreendido entre pulsões e cultura. Birman (1997) indica que ele está condenado a um desamparo psíquico, traduzido pela impossibilidade da cultura de fornecer uma cura possível, enquanto que para Freud, a única forma de lutar com conflitos insuperáveis é construir um estilo subjetivo que tem como representante a “manifestação dos desejos singulares, da realização pessoal e da estima por si”. Como considera Lipovetsky (2004), os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se desintegraram colaborando para uma desestruturação do mundo familiar e relacional.

Já na Hipermodernidade, um termo definido por Lipovetsky (2004) que abrange a atualidade seria uma nova onda da modernidade que reflete a angústia do homem diante das múltiplas escolhas de liberdade que lhe foram oferecidas, conceito que serve também para discutir sobre as diferentes formas, transformações e suas repercussões psíquicas a partir da sociedade cultural em progresso, bem como os desafios postos à Psicanálise e aos sofrimentos atuais.

Para pensar o lugar dos pais na sociedade atual precisamos recorrer a conceitos de família atual, os tipos de modernidade e paternidade na sociedade ocidental. Assim, Birman (2007) nos apresenta certas características psíquicas que estão em constante emergência, representando a subjetividade contemporânea e revirando a família e a conjugalidade e por conseguinte mudando a sociedade como um todo, pois, as formas de dor e sofrimento se confundem com a estruturação da família atual e com suas constantes atualizações. Após a metade do século XX, as mulheres buscaram sua realização singular, por meio do investimento profissional ou qualquer outro que não estivesse ligado à maternidade e, desse modo, as separações conjugais aumentaram. Uma vez que o desejo ficou “solto”, os laços conjugais tornaram-se possíveis ou impossíveis, desde que o outro permita e ofereça a capacidade de expansão do “vir a ser”. Neste novo paradigma há

este conjunto de transformações que incidiu na economia do narcisismo das crianças inicialmente e dos adolescentes em seguida, produzindo novas modalidades de subjetivação e de transtornos psíquicos, que passaram a caracterizar a subjetividade na contemporaneidade (Birman, 2007, p. 57).

Mesmo que essas observações se deem eminentemente no âmbito clínico, manifestam-se no corpo que traz as queixas do mal-estar. Hoje em dia, essa manifestação se dá como uma sensibilidade excessiva dos sujeitos em relação a autoimagem, tendo na depressão a maior visibilidade que, outrora, era ocupada pela angústia. A dor psíquica apareceu, neste momento, a partir de um desinvestimento narcísico para evidenciar a pobreza de simbolização encontradas nos sintomas atuais, tais como a síndrome do pânico, a irritabilidade, a agressividade e a violência. Ou seja, os sujeitos estão cada vez mais escolarizados, pelo menos na porção que tem chegado à clínica, mas com menos capacidade de metaforização. Há um vazio na experiência psíquica, tomado pela pulsão de morte.

A Psicanálise na clínica atual

Ota (2011) relembra que Freud, durante todo seu percurso, nunca dissociou os fenômenos sociais do determinismo psíquico individual, amparado por uma validação clínica observável, entretanto os sintomas apresentados têm exigido novas técnicas e referências conceituais mais além das construídas no tempo do Freud. Embora a clínica psicanalítica conserve uma formalidade nos seus procedimentos, pois retira sua energia do todo simbólico da cultura, ela não está isenta ao que acontece aos sujeitos da história. A Psicanálise também se atualiza.

De acordo com Marcos (2011), há muito tempo a clínica de Psicanálise não se restringe ao consultório privado, fato que gera uma expectativa de solução para os problemas que vêm surgindo. Isso se deve à teoria que permite a abertura de novos campos de atuação, mas também às transformações sociais, e principalmente, aos avanços do mundo contemporâneo com seus impulsionamentos e questionamentos sobre a teoria e a prática, que não desmerecem a prática psicanalítica, seu rigor ético, seu ato adiante do enquadre clássico.

A clínica psicanalítica da atualidade, do atendimento, busca aplacar o sofrimento fazendo furos nesse sofrer sem representação individual, cooptado por um coletivo que diz como sofrer e matar o Eu. Miller, citado por Marcos (2011), restaura a clínica psicanalítica através da possibilidade da análise. Análise que se recusa a ser uma psicoterapia identificatória. Análise que depende da posição adotada pelo analista, que deverá recair sobre a recusa em se tornar o mestre do saber, aquele que a tudo responde, que alivia o sofrimento, que oferece a cura. Retomando os pressupostos freudianos, para ficar sempre alerta ao desejo de curar, o analista abre a possibilidade ao sujeito de fazer o percurso de uma análise e elucidar seu desejo para além das identificações, uma vez que o analista não assume o lugar de falta, pois:

[...] abrindo as portas desta elucidação para o sujeito, tal é a aposta. Não se trata de afirmar que este percurso se realiza, mas sim de que se pode ofertar ao sujeito o limiar desta entrada. A prática [...] orientada pela Psicanálise, não reduz a Psicanálise ao que ela tem em comum com a psicoterapia, mas antes visa este para além que aponta para o percurso de uma análise (Marcos, 2011, p. 210).

Lacan aponta alguns elementos desse atendimento como um dispositivo, em seu texto *A direção do tratamento e seus princípios* (1969), citado por Marcos (2011), nos ensina que, com a oferta do tratamento, criamos a demanda para um público determinado, mas o objetivo não é responder a demanda, pois o sujeito que busca atendimento quer se livrar de seu sofrimento, e estaremos nesse lugar para ofertar a escuta e fazer um convite à fala. Por meio dessa escuta implica-se o sujeito com seu sintoma. O sintoma e seu gozo, já dizia Freud, são o que existe de mais peculiar para o sujeito. Pensemos no gozo como toda a cota de desprazer que aparece no sintoma, pleno de sentidos.

O sofrimento psíquico, esse mal-estar que advém do meio social, das relações familiares, destaca aquilo que Freud (2010 [1930]) articulou como uma incapacidade do laço social de dar conta, de garantir a proteção do Eu. Ao negarmos a insuficiência da parentalidade, da família que outrora é criada para cuidar, zelar e garantir o bem-estar, responsabilizamos o sujeito pelo seu sofrer e por sua cura.

Suportaríamos argumentar que essa clínica da atualidade, fora do divã psicanalítico e dentro da universidade versada na Psicanálise freudiana, pode ser aquilo que Freud convencionou em entrevistas preliminares. Marcos (2011) ressalta que se trata de uma aproximação verdadeira, já que sabemos que esses atendimentos têm um tempo limitado

e algumas vezes não conseguimos produzir o deslocamento subjetivo, onde o sujeito se implica com seu sintoma, mas que nessa escuta também se produz algum sentido, uma certa responsabilidade pela precariedade da existência e dos laços sociais.

Convidar um sujeito a endereçar sua fala permeada pela pressa das relações sociais e que demanda uma cura instantânea, em dez passos para felicidade, tem sido uma das questões mais difíceis de conduzir na clínica psicanalítica fora do consultório privado. Para conduzir esse tratamento, há de se introduzir um tempo de pausa, perceber o quão do discurso predominante das últimas décadas tem sido empobrecido pelas razões de mercado em detrimento das razões filosóficas que atribuíam sentido ao viver, sofrer, morrer. Outrora podíamos encontrar significado na filosofia, na religião, na utopia política, até mesmo na banalidade do dia a dia, mas, atualmente, o significado efêmero vem da mercadoria, do fetiche; são consumidos em si mesmos, esgotados, satisfeitos num circuito de satisfação de necessidades, como pontua Marcos (2011) e Kehl (2002). É com essa clínica que estamos nos deparando, sabendo que o terapêutico é o desejo e não a erradicação do mal-estar, pois

a Psicanálise ocupa, além de uma função terapêutica, o lugar de certa filosofia imanente da existência, preenchendo os vazios do discurso, tão intoleráveis e angustiantes. Essa capacidade de produzir sentido para as transformações que ainda não encontraram expressão na linguagem significativa que a Psicanálise seja uma *Weltanschauung*, uma visão de mundo equivalente a muitas outras que a modernidade produziu? Não exatamente, pois o saber psicanalítico se escreve a partir de uma concepção de sujeito originada da prática clínica (Kehl, 2022, p. 11).

O que as famílias, a sociedade contemporânea, o “faça você mesmo”, a Psicanálise e a clínica psicanalítica atual têm a ver com isso? São todos dispositivos para pensar nos agravos produzidos pela crise, que se refere ao reconhecimento da lei, presente no questionamento individual e no consultório. Kehl (2002) alega que há uma crise ética contemporânea, uma recusa a uma lei universal que nos funda como cultura e seres em sociedade; ela “impõe uma renúncia ao excesso de gozo, [...] da interdição do incesto”, por ser de ordem mítica confere uma credibilidade de base imaginária transmitida por gerações e inscrita subjetivamente pela linguagem. Nos concentremos na renúncia ao excesso de gozo,

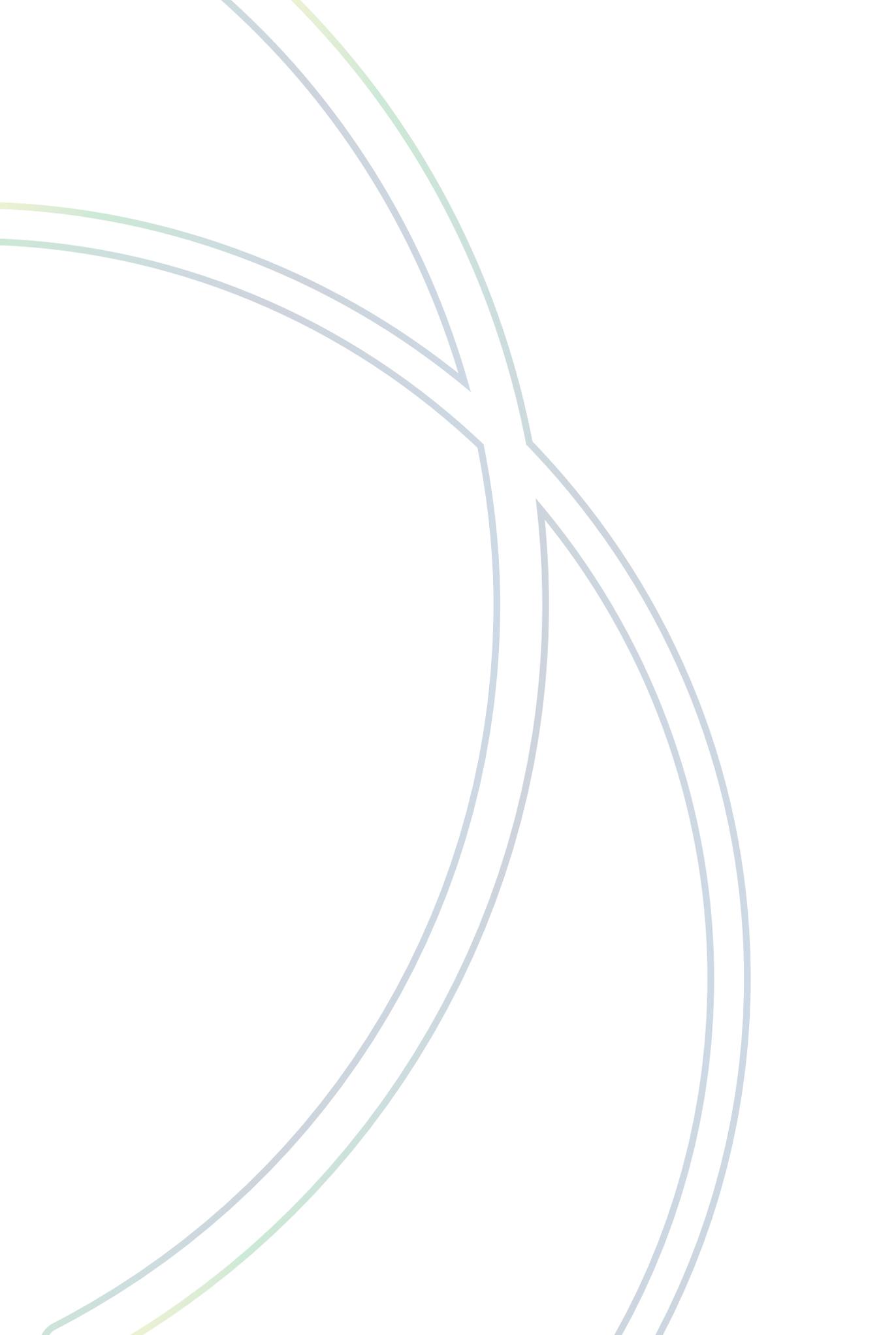
vivemos sob o imperativo do gozo, isso não significa que estejamos todos libertos da lei que nos impõe uma certa renúncia. A perda do gozo, ou seja, a impossibilidade (e não a proibição) de satisfação direta, sem rodeios da pulsão, se dá pela entrada do sujeito na linguagem, isto é, no mundo organizado pela linguagem. A linguagem nos precede; as estruturas de parentesco, [...] determinam nossa pertinência simbólica a um lugar; os desejos e fantasias de nossos pais emprestam significados à nossa existência muito antes do nosso nascimento. [...] o efeito do imperativo do gozo não é o de nos fazer gozar mais. O que o apelo contemporâneo ao gozo faz é dificultar [...] produz mais angústia [...] mais violência [...] do que fruição (Kehl, 2002, p. 15).

Referências

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.
- BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. São Paulo, *Jornal de Psicanálise*, v. 40, n. 72, p. 47-62, 2007.
- BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. São Paulo: 34, 1997.
- CÔRTEZ, Maria do Socorro; ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de; BUCHER-MALUSCHKE, Julia Sursis Nobre Ferro. Family: history and trends in contemporaneity. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e56511427842, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27842>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. Os paradoxos do consumo. *Revista de Administração de Empresas*, v. 48, n. 3, p. 104-105, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* (1979). Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas: O mal-estar na civilização e outros textos*. Tradução: Paulo César Souza, São Paulo: Schwarcz, 2010, v. 18, p. 13-122. (Selo Companhia das Letras).
- FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara Gervasio. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 105-113, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1679-494x2015000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2023.
- GUERRA, Paula; STRAW, Will. *I wanna be your punk: o universo de possíveis do punk, do DIY e das culturas underground*. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 6, n. 1, p. 5-16, 2017.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Schwarcz, 2002. (Selo Companhia das Letras).
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MARCOS, Cristina Moreira. Reflexões sobre a clínica-escola, a Psicanálise e sua transmissão. *Psicologia Clínica*, v. 23, n. 2, p. 205-220, 2011.
- OTA, Nilton Ken. O Social e suas vicissitudes na Psicanálise lacaniana. *Tempo Social*, v. 23, n. 1, p. 137-165, 2011.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TEPERMAN, Daniele; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Parentalidade 1*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise; 1.).

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2023.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonçaves Ferreira. Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral. Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia